

Ederson Tadeu Rodrigues Ciriaco

DO SONHO À REALIDADE:
Recorte e Passagens

Belo Horizonte
Escola de Belas Artes da UFMG
2017

Ederson Tadeu Rodrigues Ciriaco

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Colegiado de Graduação em Artes Visuais da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharelado em Artes Visuais.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Elisa Campos

Belo Horizonte
Escola de Belas Artes da UFMG
2017

A Terra pode oferecer o suficiente para satisfazer as necessidades de todos os homens, mas não a ganância de todos os homens.

Mahatma Gandhi

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pelo dom da vida e por me permitir vivê-la com dignidade.

Aos meus pais, irmãos, em especial a Anderson Tadeu, que já não mais se encontra entre nós, mas foi um grande incentivador, à Roberta Paiva, pelas revisões ortográficas. Não há palavras suficientes para descrever o valor da presença de cada um em minha vida. Agradeço pelo carinho, pela paciência e pela compreensão.

Aos colegas de faculdade, agradeço pela colaboração no decorrer desse curso. Mesmo quando, às vezes, sentiam-se tão perdidos quanto eu, estavam ali: sorriso no rosto, braços abertos, palavras de incentivo.

Aos verdadeiros mestres, de modo especial à minha orientadora Elisa Campos: não há limites para o conhecimento... quanto mais o buscamos, mais ele se faz necessário. Agradeço por compartilhar suas experiências e me ajudar na busca desse conhecimento.

A todos que estão (ou estiveram) presentes no decorrer desta caminhada, minha gratidão e meu carinho!

LISTA DE IMAGENS

1. Lápis de cor sobre papel. Mangás, 2000	18
2. Grafite sobre papel. Mangás, 2001	19
3. Óleo sobre Tela, 2003	23
4. Grafite sobre Papel, 2003	24
5. Lápis de cor sobre Papel, 2005	27
6. Cabaça, Massa epóxi, Porcelana Fria, Tintas acrílicas, 2015	34
7. Cabaça, Massa epóxi, Porcelana Fria, Tintas acrílicas, 2015	35
8. Cabaça, Massa epóxi, Porcelana Fria, Tintas acrílicas, 2015	36
9. Pintura Digital, 2016	44
10. BAYARD, Hyppolite, 1840	46
11. KURBATOV, Leshia, 2015	51

SUMÁRIO

Apresentação	13
Capítulo 1	
Primeiros Rabisco	17
Experiência em Novos Suportes	22
Mergulho no Realismo	24
Capítulo 2	
Do Bidimensional para o Tridimensional	31
Aprendizado no Ateliê	34
A Realização de um sonho	38
Capítulo 3	
A Experiência Acadêmica	43
Pesquisa Atual	44
Celular: A ferramenta da Arte Contemporânea	50
A moda da <i>Selfie</i>	52
Tecendo Relações	54
Considerações Finais	59
Referências	65
Álbum	67

RESUMO

O desenvolvimento deste trabalho demonstrará um pouco do meu percurso na Arte, procurei descrever ao máximo meus primeiros contatos na Arte, desde a primeira experiência ao fazer uma casinha em retalhos de madeiras trazidos pelo meu pai, aos primeiros rabiscos influenciados pelo meu irmão mais velho, que foi o precursor em despertar o desejo de criação. A Arte só se enraizou e me fez querer sempre aprender mais. Será descrito também, os experimentos em novos suportes, com materiais novos, especificamente tintas a óleo, até que cheguei onde sempre fui fascinado, o Realismo, um movimento artístico e literário surgido na França, entre 1850 e 1900, que buscava através de pinturas o mais próximo ao real.

Após algum tempo de estudos, fui trabalhar em um ateliê onde aprendi um pouco sobre Arte em outras culturas, com a artista Gina Celeghini, e passei a trabalhar além do bidimensional o tridimensional com esculturas em cabaças. Essa passagem no ateliê me despertou a vontade de entrar na academia, busquei por uma vaga na UFMG no curso de Artes Visuais, até que em 2013 consegui ser aprovado e passei a cursar Belas Artes, o contato com vários professores e alunos com produções magníficas, foi de suma importância.

No período de 4 anos de curso, desenvolvi várias pesquisas, mas para detalhar no meu Trabalho de Conclusão de Curso, escolhi o trabalho atual, a representação de pessoas pertencentes ao meu círculo social em poses de *selfie* e sua superficialidade, buscando pesquisar poses, dessa febre que toma conta da juventude do século XXI.

Espero que possa ter conseguido expressar meu encanto pela Arte, agregado com a contemporaneidade da fotografia e suas poses através das minhas pinturas digitais.

Palavras- chaves: Autobiografia, Experimentação, Pintura Digital, *Selfies*.

APRESENTAÇÃO

Neste trabalho irei detalhar as circunstâncias que me levaram a descobrir o amor pela arte: experiências, alegrias e tristezas serão aqui descritas. O caminho foi longo, mas espero conseguir descrever um pouco dessa caminhada.

Meu nome é Ederson Tadeu, também conhecido como Ed, Edson, Qué, (apelido dado pelo meu irmão gêmeo, por não conseguir falar meu nome quando bebê, fazendo com que alguns amigos também me chamassem assim), dentre outros apelidos, mas raramente como Ederson, de fato. Cresci e morei por 22 anos na cidade de Lagoa Santa, venho de uma família humilde: mãe doméstica, a Dona Geralda, e pai marceneiro, o Seu Luiz. Tenho dois irmãos, um mais velho e o gêmeo (que me apelidou de Qué), que infelizmente faleceu e não poderá ver este trabalho tomar corpo.

Em minha família não há tradição na arte, quer dizer, começou, mas não foi posto em prática. Meu irmão mais velho foi a minha primeira inspiração e estímulo, pois foi o primeiro que começou a desenhar, mas abandonou o ofício logo quando passou a trabalhar e já não tinha mais tempo para se dedicar.

Minha primeira experiência foi meio inusitada, aconteceu por acaso e por curiosidade de criança: aos 8 anos, mexendo em alguns materiais de trabalho do meu pai, encontrei

pedaços de madeira, com eles comecei a construir formas, objetos, até que me vi com uma casinha, (ou algo parecido) pronto, coisa simples mas que, para uma criança que nunca havia tido contato com qualquer tipo de representação artística, se tornou algo marcante. Posso dizer que foi esse o pontapé inicial e o momento em que a paixão pela arte nasceu, cresceu e se mantém até hoje, creio que com vocação para permanecer para sempre, ou até onde o prazer e a vontade de criar falar mais alto.

Após essa experiência, descobri qual seria meu caminho. Sem pressão ou insistência de meus pais, a arte foi ficando cada vez mais forte e mais presente em minha vida.

CAPÍTULO 1
PRIMEIROS RABISCOS

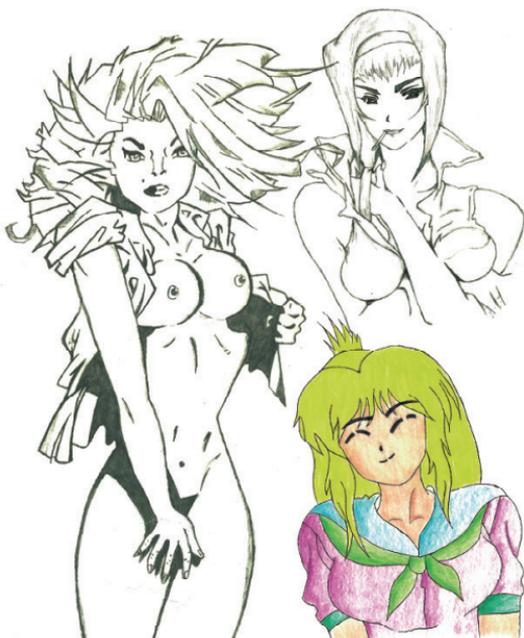
Primeiros Rabiscos

Desenhar para mim sempre foi uma coisa bem natural. O fato de poder representar através de uma imagem o que se está sentindo no momento é fascinante: deixar transparecer para o mundo o seu universo interior, suas emoções, angústias, tristezas, todo o tipo de sentimento, é libertador. Meus primeiros desenhos foram feitos bem na infância, a mais ou menos 22 anos atrás, quando tinha entre 8 e 9 anos e estudava no ensino fundamental, na escola Cecília Dolabela na cidade de Lagoa Santa. Tenho muito a agradecer por ter sido aluno dessa escola, pois sempre me incentivou a continuar na arte, a buscar referências de outros artistas, embora mesmo que limitadas, já que não havia internet e eram poucos os livros disponíveis.

Essas referências me ajudaram bastante para que eu conseguisse um grande progresso. Não saberia citar nomes, pois já se passaram vários anos, mas foram bem significativos para minha evolução.

Minhas primeiras referências imagéticas começaram com revistas de mangá,¹ com desenhos bem infantis, compatíveis com a idade, desenhos estes que serviram para que fosse

1 *Mangá* é o nome dado às histórias em quadrinhos de origem japonesa. A palavra surgiu da junção de dois vocábulos: *man* involuntário e *gá* desenho, imagem. Ou seja, mangá significa literalmente “desenhos involuntários”.



1. Lápis de cor sobre papel. Mangás, 2000.

possível a observação e o entendimento das proporções, das anatomias, das feições dos personagens, embasando a me arriscar mais tarde no exercício do realismo, assunto que desenvolverei nos próximos capítulos.

Sempre fui muito observador. Intuitivamente observava tudo com atenção, o que para quem desenha é algo bastante importante, fazendo-me investir em outros campos de



2. Grafite sobre papel. Mangás, 2001.

representação, como desenhos de observação da natureza, objetos, etc. Isso acabou chamando a atenção dos professores na 4ª série do ensino fundamental, e assim, por indicação de uma professora, fui convidado a participar de um concurso que seria realizado pelo Clube da Aeronáutica da cidade. O concurso era muito bem organizado e destinava-se somente a estudantes das escolas públicas de toda a região, e os desenhos deveriam ser feitos a partir de um tema proposto pelos organizadores, como se tratava de estudantes com idade inferior a 10 anos, o tema era aberto, poderia ser representado o que se passava à cabeça naquele momento. O material utilizado deveria ser somente o lápis de cor e consegui arranjar alguns, algo que para mim, era bem difícil, por motivos financeiros. Fiz minha inscrição sem nenhuma intenção de vencer, pois era algo inédito para mim, jamais havia participado de nenhum outro tipo de concurso. Para minha surpresa e a de todos, fiquei em segundo lugar e acabei por ter um desenho exposto pela primeira vez com os demais vencedores. Sem saber acabei participando de uma exposição de arte sem ter a mínima noção sobre isso. A alegria de ter vencido o meu primeiro concurso ficou estampada em meu rosto: o sorriso largo deixava transparecer todo o orgulho que senti em poder mostrar minha admiração pela arte e perceber que a levaria realmente como minha paixão. A vitória, mesmo que em

segundo lugar, rendeu a nós vencedores alguns brindes, algo de que me lembro até hoje. Ganhamos um embrulho e dentro dele havia um avental — desses bem baratinhos, feitos de plástico, e que certamente não me protegeria por muito tempo —, além de algumas tintas à base de água; o mais esperado foi poder aproveitar de um dia inteirinho com tudo pago no Clube da Aeronáutica. Para quem conhece a cidade sabe a que estou me referindo, pois o local fica bem próximo ao famoso aviãozinho, logo na entrada da cidade. Esse prêmio foi maravilhoso, imaginem só, uma criança, de 8 anos, podendo usufruir de um clube que somente os soldados e/ou seus familiares freqüentavam. A arte realmente pode nos proporcionar experiências e lembranças maravilhosas.

E não parou por aí... Após vencer meu primeiro concurso, mais tarde houve uma segunda edição, lá pelos meus 10 anos, se me lembro bem. As regras eram idênticas ao anterior e como eu já era maior, a categoria mudou, e o tema foi um pouco mais complexo: a natureza. Deveria ser representado através de desenho, texto, poesia, o que a natureza significava para cada um de nós. O material utilizado também foi alterado, acrescentando-se outros como canetinhas hidrocor, etc. Mesmo assim, preferi o velho e bom lápis de cor, e desenhei uma árvore, com um ninho de pássaro contendo dois ovos, transmitindo a entender a idéia de que a natureza deveria ser

preservada, para sempre se renovar. O resultado do concurso foi minha vitória, não me lembro em qual posição, mas isso é o menos importante, o que valeu foi à sensação de poder participar de algo e realizar o sonho de desenhar e expor.

Experiência em novos suportes

Depois de ter me iniciado nos desenhos a lápis de cor, tive então a surpresa de ganhar de um vizinho, que era um artesão autodidata, alguns livros, entre eles, uma coleção da Editora Globo ensinando técnicas de pinturas a óleo e outras. Foi com a ajuda desses livros que passei a conhecer novos tipos de suporte, além do papel; no entanto, por se tratar de técnicas mais caras, tive novamente a questão financeira como barreira. Minha mãe, vendo meu desejo e curiosidade em aprender cada vez mais, deu-me de presente alguns tubos de tinta a óleo e uma tela, dizendo: “estou te dando esta tela para você experimentar, eu sei que se sairá bem! E se gostar, depois te dou outras”. Tal demonstração de confiança por parte dela me fez começar a pintar a óleo com a responsabilidade de conseguir me adaptar e não desperdiçar o dinheiro empregado em mim. Algumas pinturas surgiram algo bem amador, mas para poder testar, a experiência foi válida; posso dizer que daquele tempo até hoje, de tanto praticar, obtive uma boa melhora.



3. Óleo sobre Tela, 2003.

Mergulho no realismo



4. Grafite sobre Papel, 2003.

Com o passar dos anos, abandonei os desenhos de mangás, e busquei vôos maiores, comecei a me arriscar nos desenhos realistas,² um desafio bastante ousado para mim, já que trata-se de uma manifestação da pintura bastante

2 Realismo representação fiel e direta da realidade, sem que intervenha a fantasia. (Dicionário Aurélio), movimento surgido entre 1850 e 1900, fruto das artes produzidas na Europa, especificamente na França, movimento influenciado pela industrialização, onde o homem contemporâneo entendeu que precisava ser realista, deixando de lado as emoções humanas.

complexa, ao buscar os detalhes mais fieis ao real, o que nunca é algo simples. Novamente procurei referências a respeito pesquisando artistas que trabalhavam com esse tipo de proposta plástica e mais uma vez fui barrado pela falta de bibliografia sobre o assunto.

Nesse período de aprendizagem, adquiri algumas revistas que ensinava um pouco técnicas para atingir esse meu objetivo, em bancas de jornal, mas nada muito específico; por isso passei a estudar por conta própria. Apesar do esforço, o aprendizado sem acompanhamento se torna bem mais complexo.

Foi aí que Cristina, uma desenhista, que possuía uma técnica bastante desenvolvida, em conversa com minha mãe, ficou sabendo que eu estava procurando algum meio de melhorar meu desenho e se ofereceu para me ensinar, dando-me muitas orientações que me ajudaram a progredir.

Como não poderia ser diferente, esse momento tornaram-se importantíssimo para minha evolução. Obtive algumas dicas preciosas e inéditas como: meios de calcular proporções utilizando como ferramenta o próprio lápis, técnicas como o esboço, o início do desenho, além do sombreado para alcançar os volumes existentes nas referências utilizadas, aumentando ainda mais minha vontade em buscar o aperfeiçoamento no desenho realista. Infelizmente, vários trabalhos

realizados durante o período das aulas se perderam, mas de toda forma, as dicas e técnicas foram muito úteis.

Um dos trabalhos que carrego comigo, por todos estes anos, e que mais gostei de ter feito, foi o busto de uma mulher (vide imagem 5), desenho no qual pude colocar em prática várias das técnicas aprendidas. Para tanto, empreguei o primeiro material que utilizei no começo da minha caminhada, um material bem complicado de se trabalhar, pois as mesclagens entre as cores não são nada fácil.

As aulas duraram aproximadamente três meses, mas infelizmente foram interrompidas. Mesmo assim, com as valiosas dicas de minha professora, dei sequência nos desenhos visando o aprimoramento, mais uma vez sozinho, buscando aqui ou ali algo que pudesse agregar mais e mais. Como a prática leva à perfeição, desenhei exaustivamente, mas sentia que faltava algo para chegar onde desejava.



5. Lápis de cor sobre Papel, 2005.

CAPÍTULO 2
DO BIDIMENSIONAL PARA O TRIDIMENSIONAL

Do Bidimensional para o Tridimensional

Quando ainda bem jovem me deparei, perto de casa, com algumas pessoas recolhendo materiais em relação aos quais muitos não dariam a mínima. Eram galhos secos de bambus e algumas madeiras jogadas fora, o que despertou em mim uma imensa curiosidade em descobrir para que serviriam. A curiosidade foi tão grande que não pude me conter e acabei por indagar a uma delas para que estariam recolhendo aqueles galhos velhos, em que seriam utilizados. Uma das pessoas respondeu que seriam usados para a confecção de trabalhos decorativos, mas não entraram em detalhes de que tipo de decoração, e assim, ao fim da conversa, me vi mais confuso e curioso que antes.

Após esse episódio, comecei a reparar ao redor, e até descobri um verdadeiro ATELIÊ, possibilitando a confecção dos trabalhos que passei a realizar.

A arte e as ocasiões andavam lado a lado, digo isso porque mais uma vez, por coincidência, meus pais, ao conversarem com um vereador da cidade, relataram a ele que tinham um filho cujo sonho era tornar-se artista, e que gostariam de me ajudar nesse sentido e dar asas a minha imaginação, mas que não sabiam onde e como fazê-lo. O vereador, então, disse ser amigo de uma artista e que me apresentaria a ela. Minha felicidade em saber disso foi imensa, sobretudo ao

descobrir que havia um ateliê bem próximo de casa e que essa artista residia ali.

Tratava-se de, Gina Celeghini,¹ que fazia seus trabalhos utilizando uma espécie de abóbora, conhecida como cabaça.² Em suas obras, a artista elabora vários personagens, alguns circenses, outros clássicos, entre bailarinas, sereias, trapezistas e equilibristas, personagens estes que são feitos a partir do formato das cabaças, respeitando então sua forma original, que é mantida até o trabalho concluído.

Depois de encontrar esse ateliê e saber que iria conhecê-la, a ansiedade foi tomando conta de mim. Ela mesma pegou meu contato com o vereador, ligando-me no dia seguinte, e convidando-me a ir até sua casa, e ateliê. Nossa, quando entrei em seu ateliê e me vi inserido em um ambiente que sempre quis, fui tomado de uma emoção indescritível, cada peça ali exposta era de uma beleza peculiar. Mas a surpresa maior estaria por vir, ao descobrir que as pessoas que recolhiam os materiais bem próximo à minha casa eram, na verdade, os funcionários dessa artista, e que ela é uma artista comercial que raramente expõe seus trabalhos.

1 Artista natural da cidade de Lagoa Santa, especializou-se em várias linguagens artísticas: música, fotocinematografia, cerâmica, pintura, escultura em metal, afresco, técnicas de pintura orientais. Tendo viajado e estudado em Istambul e Capadócia, Turquia, Jerusalém, Israel, Egito e Grécia, reflete cada cultura aprendida em seus trabalhos.

2 “Cabaça” (do árabe *kara bassasa*, “abóbora lustrosa”) é a designação popular dos frutos das plantas dos gêneros *Lagenaria* e *Cucurbita*, sendo bastante utilizada como suporte para armazenagem de água em locais áridos. Algumas possuem formas arredondadas e outras formas alongadas.

Nessa visita, pude mostrar um pouco do que já havia produzido meus desenhos e pinturas os quais, ainda que simples, foram bem aceitos por ela e o *feedback* foi ótimo. Não tinha a mínima intenção em trabalhar ali, pelo fato de me sentir muito inexperiente na área das artes e achava que não poderia agregar muito aos trabalhos desenvolvidos por ela e por sua equipe. Surpreendi-me, no entanto, ao ser convidado para compor sua equipe, o que possibilitou que eu aprendesse e desenvolvesse ainda mais conhecimentos e técnicas.

Aceito, pois, o convite, dei asas à imaginação, mergulhando de vez no mundo tridimensional. Apesar de no início, como de costume, passar por muita dificuldade, com o transcorrer do tempo e o costume com os materiais e a técnica, os trabalhos foram tomando características e um aspecto estético bem interessante.

Aprendizados no ateliê

Em tal período, conviver e trabalhar com as pessoas desse ateliê possibilitou que eu constituísse uma bagagem importantíssima, não somente de técnicas, mas, ainda, de pesquisa. Passei a conhecer melhor as pinturas baseadas nas culturas africana, chinesa, italiana e outras, além da utilização de lápis de cor nas peças, juntamente com tintas acrílicas, folheação em ouro,³ modelagem em massa

de porcelana fria (Biscuit),⁴ e várias outras maneiras de representações, foram aprendidas.



6. Cabaça, Massa epóxi, Porcelana Fria, Tintas acrílicas. 2015.

- 3 Douração, douradura ou folheação é o processo em revestir qualquer superfície com camadas finas de ouro, utilizando como adesivo o verniz mordente.
- 4 O biscuit é muito empregado em modelagem no artesanato, utilizando uma massa confeccionada a partir da mistura de amido de milho, cola branca, limão ou vinagre e vaselina. Este tipo de massa também é conhecido como porcelana fria, pois não precisa ir ao forno e seca em contato com o ar.



7. Cabaça, Massa epóxi, Porcelana Fria, Tintas acrílicas., 2015.





A experiência em utilizar materiais orgânicos como matéria-prima para obras de arte permite a expressão de movimentos de danças, por exemplo, sendo, mesmo assim, algo bem complexo, uma vez que é preciso fazer um exercício de observação agudo e uma adaptação ao formato das cabaças. Isso exige uma visão antecipada de como será o movimento dos braços, dos cabelos seguindo o ritmo, os caimentos das roupas, as posições dos pés, assim como o movimento dos calçados. É realmente um grande desafio.

A realização de um sonho

Esse período de aprendizagem serviu para aumentar ainda mais o meu desejo em seguir o caminho da arte, e foi aí que resolvi colocar em prática um desejo que já carregava comigo há bastante tempo: cursar Belas Artes na UFMG. Um sonho antigo, que eu não queria deixar dentro da gaveta, e por isso, corri atrás conseguindo realizá-lo, após várias tentativas, em 2013.

Nessa fase em que freqüentei o ateliê de Gina Celeghini, o desejo de cursar o ensino superior foi algo que tomou conta de mim, pois me via cercado de pessoas capacitadas teórica e tecnicamente. Mas, não era somente por este fato, tratava-se de um desejo próprio.

Minha corrida para a aprovação na Universidade Federal de Minas Gerais iniciou-se em 2004 quando ainda estava no terceiro ano do Ensino Médio. Minha primeira experiência em um vestibular, e logo o da UFMG, foi uma sensação única e que comprovou que havia feito a opção pelo curso certo. Essa minha determinação acabou por motivar minha família a mudar de cidade, junto comigo, buscando uma melhor estrutura. Todo o período em que cursei o Ensino Fundamental e o Médio transcorreu em escolas públicas; por isso sabia que necessitaria me preparar bem para poder concorrer por a uma vaga desse curso que estava pleiteando. Infelizmente, no Brasil, o ensino público nos ciclos básicos, se comparado ao ensino de escolas particulares, deixa bastante a desejar, criando uma enorme defasagem na formação de grande parte da população. Assim, nessa primeira tentativa, não consegui aprovação para a segunda etapa e já sabia que não seria fácil. Prometi a mim mesmo que, enquanto não realizasse meu sonho de ser aprovado na UFMG, não desistiria.

A instalação na nova cidade, Contagem, exigiu um longo período de adaptação em que não consegui prestar vestibulares, mas o desejo de ser aprovado no curso de Belas Artes me dava ânimo em ir em frente. Assim que consegui o meu primeiro emprego de carteira assinada, a primeira coisa que fiz foi procurar um pré-vestibular para me matricular e, enfim,

recomeçar a maratona. A rotina cursinho/trabalho durou aproximadamente três anos, entre vestibulares, e neles, tive o cansaço como inimigo número 1. Foi preciso lutar contra isso todos os dias, mas o sonho sempre falou mais alto. Até conseguir a aprovação, nesse meio tempo, de vestibular para vestibular, fui orientado por uma amiga a me inscrever em um programa do Governo, chamado Educa mais Brasil, para concorrer a uma vaga em uma faculdade privada, com bolsa de 50%, e assim eu o fiz: esperei aproximadamente uns três meses, pois eram realizados sorteios dos inscritos para as poucas vagas que o programa oferecia, até que fui sorteado e chamado para cursar Gestão de Marketing, na Faculdade Pitágoras. Iniciei o curso, sem deixar a meta principal adormecer, tentando a cada ano realizar os vestibulares para a UFMG, e essa insistência, afinal, surtiu efeito, vindo a ser aprovado para o tão desejado curso de Belas Artes, em 2013. Como ainda não havia terminado a faculdade em que havia ingressado anteriormente, foi preciso me desdobrar e concluir um semestre cursando as duas simultaneamente, algo que chegou a despertar dúvidas em um professor que me disse que não seria capaz de continuar com as duas e que, com o passar do tempo, eu desistiria de alguma das duas. Contudo, isso não ocorreu, vindo a me formar em Marketing em 2013 e, após a aprovação deste trabalho que realizo agora, concluirei também o curso de Artes Visuais na UFMG.

CAPÍTULO 3
A EXPERIÊNCIA ACADÊMICA

A experiência acadêmica

Estudar em um ambiente favorável para a criação e produção da arte, sem dúvida, é uma experiência maravilhosa, pois ele próprio permite ter ideias, inspira a invenção, além de nos colocar em contato com trabalhos de artistas reconhecidos, assim como com as propostas dos colegas e de professores, enriquecendo nossa bagagem artístico-cultural, possibilitando que tenhamos *feedback* e críticas a respeito do nosso próprio trabalho, sendo isso o principal diferencial de se ingressar na academia.

As técnicas apresentadas pelos professores me permitiram caminhar por vários campos, do Bidimensional ao Tridimensional, e, apesar de já ter trabalhado com algumas linguagens anteriormente, foi de suma importância agregar conhecimentos, experimentar materiais, familiarizando-me com outros suportes e técnicas, o que auxilia na descoberta daquilo que nos agrada e dá maior liberdade para produzir.

Pesquisa atual



9. Pintura Digital, 2016.

Para mim, em particular, os estudos de cor, forma, composição e do corpo humano foram os mais importantes para o desenvolvimento da minha atual pesquisa que, a partir de agora, abordarei.

Essa pesquisa foi o amadurecimento de estudos que, intuitivamente, já realizava anteriormente à faculdade, relacionados à representação do corpo humano feminino, e foi quando migrei do analógico - grafite sobre papel - para a técnica de pintura digital,¹ mas sempre utilizando a fotografia como base para retratar mulheres que, inicialmente, eram pessoas desconhecidas. Contudo, com o amadurecimento dos estudos e em conversas com professores, fui direcionado a buscar alguma característica que aproximasse o trabalho ao máximo de mim. Assim, após desenvolver algumas ideias e não me satisfazer com nenhuma, decidi escolher imagens representativas de um método atual de se autofotografar, habitualmente conhecido como *selfie*.²

Embora seja preciso reconhecer que a tecnologia transformou a prática, a *selfie* não é invenção do mundo digital, esse meio de representação teve seu primeiro registro através do fotógrafo Robert Cornelius³ em 1839, utilizando o método

- 1 Pintura digital é uma técnica de ilustração, ou pintura, que em vez de usar os meios tradicionais, no uso de grafite, crayon, pastel seco e oleoso, tinta acrílica ou a óleo, utiliza um ambiente computacional. Emprega-se um equipamento chamado “mesa digitalizadora”, a qual é a responsável pela transferência do desenho para o software, no meu caso o Photoshop (programa de manipulação de imagens).
- 2 Selfie é uma palavra inglesa, um neologismo que se origina do termo self-portrait, que significa autorretrato, e é utilizada para designar uma foto tirada com dispositivos móveis e, quase sempre, imediatamente compartilhada na internet. Normalmente uma selfie é tirada pela própria pessoa que aparece na foto, com um celular que possui uma câmera incorporada, como um smartphone, por exemplo, e tem se desdobrado também para fotos de grupo, ou selfies de grupo.
- 3 Robert Cornelius foi um químico holandês que tirou a primeira selfie usando o método do daguerreótipo em 1839.

do daguerreótipo,⁴ descobrindo, então, um meio de se autofotografar.

Em 1840, Hyppolite Bayard também fez um autorretrato, mas nesse caso como afogado. Reza a lenda que, por não ter sido reconhecido como o pioneiro da fotografia, quis então se retratar como alguém morto. Era contemporâneo de Cornelius, assim como de vários outros inventores, mas sobretudo de Daguerre e Nièpce, que tiveram o invento



Imagem 10: BAYARD, Hyppolite, 1840.

4 Daguerreótipo é um dos primeiros processos de obtenção da imagem fotográfica em que se produzia a imagem de objetos e paisagens com o impacto negativo sobre uma superfície de vidro banhada em sais de prata, polida como um espelho, exposta à luz solar direta. Em seguida, foi fabricado o primeiro equipamento em escala comercial, para a obtenção desse tipo de imagem fotográfica. Criado em 1837 por Louis Jacques Mandé Daguerre e fabricado por Alphonse Giroux, foi apresentado publicamente em 1839, na França. No mesmo ano, o governo do país declarou o invento como domínio público.

vendido para o governo francês, o que os legitimou como os pioneiros da fotografia.

Para Annateresa Fabris, em sua obra *Identidades Virtuais*, se a história que o retrato fotográfico conta é menos evidente do que poderia parecer à primeira vista, há uma outra modalidade fotográfica que se torna dominante a partir da década de 1850, com a invenção do formato “cartão de visita”, por André Adolphe Eugène Disderi. O alcance dessa descoberta – avassalador para a nascente fotografia – é descrito por Nadar:

O sucesso de fato estrondoso de Disderi foi legitimamente devido a seu engenhoso achado do cartão de visita. Sua intuição de indústria tinha farejado bem e no momento certo. Disderi tinha criado uma verdadeira moda que, de uma só vez, envolvia todos. E mais ainda: virando pelo avesso a proporção econômica válida até então, isto é, dando infinitamente mais por infinitamente menos, tornando definitivamente popular a fotografia. (FABRIS, 2004: 28).

Após a descoberta, em 1914, Anastasia Nikolaevna de 13 anos, filha do Czar Nicolau II da Rússia, posou em frente ao espelho e se autofotografou, relatando que esse modo de se fotografar era bastante difícil, pois suas mãos tremiam bastante, e embora não existissem mídias sociais, a ação

da garota foi idêntica à atual, e de modo compatível com a época: realizou o compartilhamento de suas fotografias por meio de cartas. Mas, tal procedimento deixava também explícita à separação da burguesia em relação ao proletariado, devido aos altos custos da fotografia naquele momento:

Os altos preços do Daguerreótipo e das produções colocam o retrato num âmbito social restrito, permitindo-lhe atestar a ascensão da alta burguesia. É para além desse círculo restrito que irá apontar a descoberta de Disderi, que pretende estender o direito de imagem não só à pequena burguesia, mas ao próprio proletariado. (FABRIS, Annateresa, 2004: 29).

Ao ser analisado as modificações realizadas nos modos de fotografias ao longo do século XX, percebemos principalmente que as mudanças tecnológicas se deram nos limites de uma busca alinhadas aos paradigmas do desenvolvimento industrial. Priorizou-se na indústria fotográfica a busca de pontos básicos: diminuição do tempo necessário ao ato fotográfico e o aumento da facilidade de circulação das fotografias, já na metade do século XX houve a integração da eletrônica, outro sistema de conhecimento que passa a integrar ao dispositivo fotográfico, vindo a ser um grande fator nas mudanças tecnológicas notadamente a partir do final da II Guerra Mundial. Daí para os tempos atuais, no

início do século XXI, com a popularização da internet e o avanço tecnológico dos aparatos fotográficos a proliferação das fotográficas digitais foi apenas questão de tempo.

Voltando então ao trabalho que eu vinha realizando, é preciso dizer que após selecionar fotografias de mulheres de maneira despreziosa na internet, passei a me interessar em retratar também mulheres pertencentes ao meu círculo de amizades, de minha convivência cotidiana.

Inicialmente, para a escolha das imagens coletadas na internet, houve uma seleção menos voltada para a captura de identidades particulares, o que levou a uma escolha mais formal ou estética. Segundo Gisèle Freund:

Tanto no retrato fotográfico quanto naquele pictórico o que importa não é representar a individualidade de cada cliente, mas, antes, conformar o arquétipo⁵ de uma classe ou de um grupo, valorizados e legitimados pelos recursos simbólicos que se inscrevem na superfície da imagem. (FREUND apud FABRIS, 2004: 31).

De qualquer modo, isso evidenciou comportamentos bastante contaminados pelo universo da publicidade e da moda, refletindo padrões que neutralizam mais do que expressam individualidades. No caso de amigos a questão se inverte; já se busca

5 Modelo que se torna padrão de um contexto ou período específicos.

uma captura mais fiel da identidade particular do retratado, o fato de conhecer pessoalmente esse amigo tornar a pesquisa mais próxima de mim, entretanto, em contraponto, a ideia da superficialidade da imagem não se modifica, deixando de lado o contexto da imagem onde se passa a fotografia, o momento em que foi tirada, etc. – pois estes fatores não me interessam nem agregam muito à minha pesquisa. Mesmo assim, a observação do comportamento destas pessoas em ambientes como festas, viagens, me chamou bastante a atenção e me fez querer me aprofundar neste assunto.

Celular: a ferramenta da arte contemporânea

O telefone celular traz, hoje, praticidade e comodidade. Através dele se pode, além de fazer ligações, enviar mensagens, checar e-mails, acompanhar as notícias, fazer compras, estar em vários lugares ao mesmo tempo, tirar fotografias e postá-las imediatamente, fazer vídeos e pesquisas.

Marcas de aparelhos celulares vêm modernizando cada vez mais suas funções em geral, com especial destaque às câmeras, para que sejam capazes de fotografar com mais fidelidade possível, algo que há uns 15 anos atrás era uma realidade bem distante. Câmeras VGA deixavam bastante a desejar, e com o passar dos anos os *pixels* chegaram para

trazer uma nova realidade da à fotografia, numa busca de trazer à imagem maior fidelidade possível.

Tendo visto essa evolução das câmeras de celulares, vários artistas começaram a abordar como experiência artística fotografias feitas por tais dispositivos. O artista russo Lesha Kurbatov, utiliza a câmera do celular e *layers* de programas de edição de imagem para execução de seus trabalhos, buscando a transposição de imagens inesperadas, como mostram as figuras abaixo:



Imagem 11: KURBATOV, Lesha, 2015.

Embasando-me em artistas contemporâneos foi que minha pesquisa atual tomou forma e, assim, decidi utilizar também

fotografias, feitas por câmeras de celular, como referência, utilizando as poses contemporâneas de se autofotografar.

A moda da *selfie*

A necessidade de exposição das pessoas para o mundo em tempo real é algo muito curioso de se pensar na atualidade. Há algum tempo já é moda “fazer uma *selfie*”, isto é, grosso modo, um autorretrato traduzido, no qual a intenção é se autofotografar no decorrer de uma ação ou simplesmente em uma pose diante de um contexto ou paisagem, a fim de divulgar rapidamente em redes sociais, deixando clara a necessidade de mostrar para o outro onde se está, ou o que a pessoa está fazendo naquele momento, etc. Isso se mostra, na maioria das vezes, como ostentação, um certo narcisismo, sem nenhum propósito mais importante, a não ser a disputa, para ver quem alcança um maior número de *likes*, e conseqüentemente um maior número de seguidores, como uma forma de elevar o ego e criar (ou simular) uma popularidade virtual.

Mas, como sempre existem múltiplas vertentes (por que não dá para dizer que só há duas possibilidades aqui!), a proliferação desta manifestação possui um lado importantíssimo na contemporaneidade, sendo um meio de registro das pessoas que nos cercam, que pertencem ao nosso círculo

social e a quem queremos sempre por perto, por registros fotográficos ou por pinturas digitais. Esse também é meu caso, utilizo a *selfie* como um memorial virtual, um meio de registro que anteriormente era mais complicado de se fazer tanto pela limitação de ferramentas, mas sobretudo dado seu altíssimo valor sendo privilégio de poucas pessoas com poder aquisitivo capaz de pagar por essas fotografias. A *selfie*, como quase tudo o que realizamos, exige uma sabedoria no emprego de seus meios de reprodução, cuidado com o quê se registra, com quem é fotografado, ou os locais dos registros. Por exemplo, a falta de responsabilidade de alguns ocasiona cenas lamentáveis como, por exemplo, a apropriação de animais silvestres tomados à força para que sejam fotografados e posteriormente divulgados nas redes sociais. Trata-se de um caso de abuso e descontrole, entre vários outros casos que testemunhamos.

Uma reportagem exibida pela rede Record de televisão, no dia 21 de maio de 2017, deixa claro a importância que o *selfie* vem tendo, não somente entre os jovens, mas em todas as faixas etárias. Era uma entrevista com o Cantor Reinaldo ex-terrasamba, em que ele deixa claro sua preferência pela *selfie*, como forma dele mesmo ter controle sobre o seu melhor ângulo. Comenta que busca fazer a foto de tronco, preferencialmente do lado esquerdo de seu rosto, além da de escolher a melhor luz, e caso não goste de nenhuma das

fotografias, pode simplesmente apagá-las. O momento é tão favorável ao *selfie* que, no caso dos cantores como o entrevistado, muitos fãs deixaram de pedir autógrafos em papéis para compartilhar *selfies* com os próprios ídolos, diretamente em suas redes sociais.

Já a outra entrevistada, uma jovem de vinte e poucos anos, sendo também deste modo de se autofotografar, assume que desde criança gosta de fotografias e que, graças a este método de registro, tem alcançado mais de 100 mil seguidores em redes sociais, afirmando que cada post é curtido por mais de 1.500 pessoas. Para ela, o lado esquerdo do rosto é o preferido para fotografias sérias e o lado direito para fotografias sorrindo, sendo assim, tais observações me induziram a pesquisar através da imagem, o comportamento atual que a *selfie* vem provocando.

Tecendo Relações

Ao fazer as primeiras pinturas digitais, as referências imagéticas foram selecionadas apenas por uma questão de beleza, baseada num estereótipo bastante difundido pela mídia, por uma estética padrão, sem que houvesse nenhum tipo de pensamento crítico ou algum senso de provocação ou posicionamento intencional.

Como toda ideia amadurece meus trabalhos recentes, tem sido desenvolvido a partir de um pensamento crítico relacionado ao comportamento da geração Y⁶ até a geração Alfa,⁷ vem tendo com o desenvolvimento das tecnologias digitais, tendo como referência, pessoas pertencentes ao meu círculo social e do sexo feminino, não sendo de meu interesse uma maior discussão de gênero, apesar de ser algo tão pertinente atualmente, mas sim uma valorização estética que ainda vigora. A construção de uma nova identidade vem se firmando com o passar dos anos e diante dos avanços tecnológicos, segundo afirma o Psicólogo especialista em dependência tecnológica Cristiano Nabuco. Ao fazer uma comparação entre moradores de uma cidade do interior, que vão à praça, para ver e serem vistos, alegando que querer esta sempre em destaque, o uso das mídias digitais cumprem uma mesma função e mostram que tal comportamento faz parte da necessidade biológica do homem, afirmando que ninguém gosta de se apresentar de maneira desleixada. Para Nabuco, as redes sociais são as novas praças da atualidade. As pessoas criam novas identidades, muitas vezes fictícias, onde postam viagens, sucesso profissional, uma verdadeira ostentação forçada e inventada. A adesão à *selfie* é exatamente o cum-

6 Geração nascida a partir do início dos anos 80.

7 Geração nascida após os anos de 2010, esta geração ainda não está definida. Poderá chamar-se de Geração M (de móbile). A geração Z e Alfa podem se fundir numa nova nomenclatura, porém, exatamente pela falta de definição, temporariamente é chamada de Geração Alfa.

primento dessa função “institiva”. Na internet é possível que qualquer um se apresente em sua melhor versão, eternizando sua uma identidade e valores, mesmo que fictícios.

Annateresa Fabris, descreve as poses como uma máscara e confirma o que disse o Psicólogo Cristiano Nabuco, ao afirmar que:

“Ao criar uma imagem ficcional, isto é, ao referir-se à pessoa, a pose permite analisar o retrato fotográfico pelo prisma do artifício, não apenas em termos técnicos, mas também pelo fato de possibilitar a construção de inúmeras máscaras que escamoteiam de vez a existência do sujeito original.” (FABRIS, 2004: 57).

Este comportamento de fingir ser o que não é, através de fotografias e poses, chamou minha atenção e, através das pinturas digitais, busco evidenciar esse tipo de artifício cada vez mais presente entre nós.

Afinal, a minha aparência importa mais para o outro do que para mim mesmo? Será que a *selfie* está mudando a forma em que os outros nos veem?

Fabris, cita o personagem Gengè do filme *Uno, nessuno e centomila*, de Luigi Pirandello (1926), onde as reflexões que o personagem passa a fazer sobre o próprio corpo, o deixa obcecado com a desconfiança de que começa a ser observado pelos outros e fixa-se numa suspeita: não ser para eles o que,

até aquele momento, dentro de si acreditava ser, e através desta obsessão surge uma pergunta que se encaixa bem para o momento em que vivemos:

Se, para os outros, eu não era aquele que, até agora acreditara ser para mim, quem eu era? (FABRIS, 2004: 153).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerações Finais

Histórias, memórias, afetos familiares, inquietações, levaram-me ao desenvolvimento deste trabalho, inicialmente com o perfil de um memorial, resgatando o percurso de um jovem que descobre o amor pela Arte e decide ir a fundo para a realização do seu sonho.

Num segundo momento, a pesquisa pessoal pediu espaço, passando a ser o foco principal do trabalho. Ao serem descritos os desafios, alegrias, tristezas e aprendizados, começo a traduzir, na proposta plástica e nas reflexões teóricas, minhas inquietações a respeito de um tema atual, que me chamou bastante a atenção. O capítulo 3 dedica-se, portanto, aos trabalhos mais recentes em pintura digital. Trata-se de uma técnica cada vez mais difundida na contemporaneidade, trazendo importantes questões para o universo da pintura. Ao utilizá-la, busco representar identidades virtuais fictícias, baseadas nas poses características das selfie, procurando desenvolver um pensamento crítico sobre essa forma de produção/criação da auto-imagem, que se configura atualmente como um comportamento, criando um tipo de máscara, onde o indivíduo configura identidades virtuais. Nessa realidade do auto-retrato, a “Selfie” é algo que veio para ficar, invadindo e ocasionando alterações comporta-

mentais nos seus adeptos, com desdobramentos improváveis. Essa incerteza aguçou minha curiosidade em pesquisar o tema. Saber que a Selfie, pode representar uma faceta singular do comportamento contemporâneo, fez com que a pesquisa adquirisse também uma mesma imprevisibilidade e indefinição estimulando, por isso mesmo, a dar continuidade e desdobramento à investigação imagética que venho desenvolvendo nas pinturas digitais.

Apesar dessa incerteza que paira também sobre o resultado final do trabalho e possíveis mudanças, indagações já começam a surgir, fazendo com que as investigações persistam a fim de encontrar respostas mais aprofundadas, capazes de serem traduzidas em imagens, trabalho que me interessa e desafia bastante.

Questões ocasionadas pela Selfie surgem a cada compartilhamento e ocasionam interrogações curiosas, compartilhar algo com milhares de pessoas estranhas em redes sociais, o faz ficar exposto ao julgamento. É importante reforçar que as pessoas julgam baseadas em suas crenças e valores de vida. Pois bem, as incertezas deste tipo de representação fictícia de identidades, por partes de vários adeptos da selfie, como apontamos anteriormente, trazem a dúvida sobre os relatos imagéticos feitos: seria uma auto-proteção - e auto-ficção -, que tenta iludir o outro, mas não escapa de enganar-se a si próprio? Seria um desejo de compartilhamento generoso

e extensivo à aqueles que estão distantes, ou revelaria um escuso desejo de ser invejado?

O mundo real é a nossa única realidade, mostrar sua cara, seu verdadeiro “selfie” é estar disposto a mostrar quem realmente você é, com seus erros e acertos, qualidades e defeitos? Não seria preciso buscar o autoconhecimento antes do autoreconhecimento?

É preciso olhar para dentro de si, o olhar precisa ser de dentro para fora, antes de clicar o próximo “selfie”, pois é interessante lembrar: cada um é muito mais do que aparenta ser.

Referências

1. FABRIS, Annateresa. *Identidades Virtuais: Uma leitura do retrato fotográfico*. Editora UFMG: Belo Horizonte, 2004
2. CELEGHINNI, Gina. Disponível em <<http://www.aruna.com.br/gina/>>. Acesso em: 20 de abril 2017.
3. O que é mangá? Disponível em <<http://mangasjbc.com.br/o-que-e-manga/>>. Acesso em: 12 de abril 2017.
4. O *selfie* está mudando a forma de olharmos pra nós mesmos. Disponível em <<http://www.uai.com.br/app/noticia/saude/2016/03/04/noticias-saude,190559/selfie-esta-mudando-a-forma-como-olhamos-para-nos-mesmos.shtml>>. Acesso em 26 de maio 2017.
5. Significado sobre selfie. Disponível em Cf.: <<https://www.significados.com.br/selfie>>. Acesso em 20 de maio 2017.

Referências Complementares

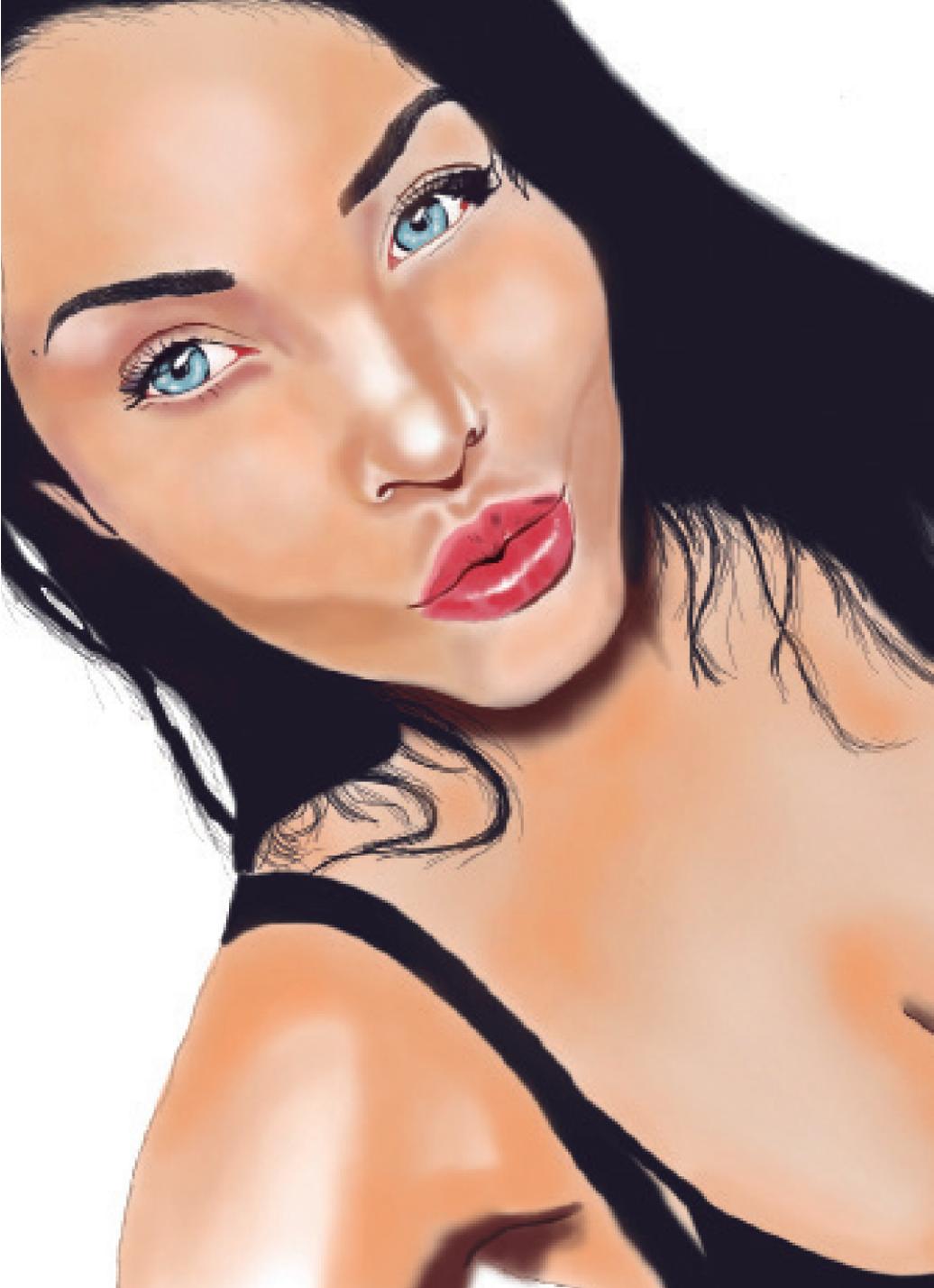
1. CAMPOS, Elisa, *O auto retrato*, Belo Horizonte, 2009.

ÁLBUM

Pintura Digital, 2015



Pintura Digital, 2015



Pintura Digital, 2015



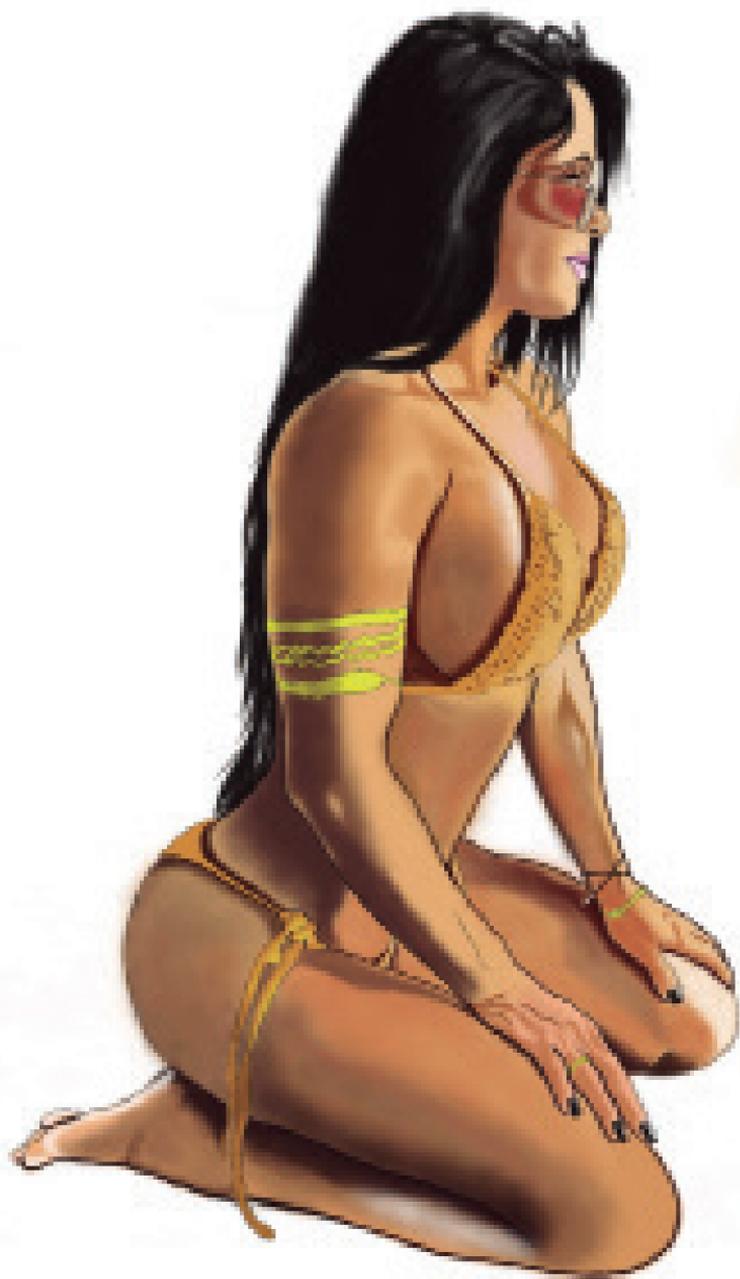
Pintura Digital, 2016



Pintura Digital, 2016



Pintura Digital, 2016



Pintura Digital, série *Selfie*, 2017



Pintura Digital, série *Selfie*, 2017



Pintura Digital, série *Selfie*, 2017



Pintura Digital, série *Selfie*, 2017



Pintura Digital, série *Selfie*, 2017



Pintura Digital, série *Selfie*, 2017



Pintura Digital, série *Selfie*, 2017



Pintura Digital, série *Selfie*, 2017



Pintura Digital, série *Selfie*, 2017



Pintura Digital, série *Selfie*, 2017



Anotações

